

## A CONSTRUÇÃO DE ÍNDICES EM ARQUIVOS HISTÓRICOS

Isabel Maria Ribeiro Ferin Cunha (\*)

Em Arquivos Históricos qualquer trabalho que vise a divulgação necessita da elaboração de índices. São eles que fornecem aos pesquisadores as informações básicas para o desenvolvimento dos seus estudos, introduzindo os assuntos/conteúdos e apontando os documentos correspondentes. São eles, também, que permitem a recuperação da informação e total conhecimento dos acervos por meio de consulta direta.

Se considerarmos ainda que estamos na era da informática, teremos de admitir que serão os assuntos/conteúdos representados nos índices um dos itens mais importantes a serem cadastrados no processo de automação, na medida em que particularizam e singularizam a informação de cada documento.

Contudo, apesar da importância dos índices na disseminação da informação nos acervos históricos, pouca ênfase se tem dado à sua construção e estruturação, incorrendo a maior parte dos instrumentos de divulgação (como inventários, catálogos, etc.) em graves erros de informação, ao proceder de forma arbitrária tanto na fase de análise do documento, como na fase de seleção e estruturação dos assuntos.

Estas duas questões levam-nos a propor alguns parâmetros teórico-pragmáticos de procedimentos, a que daremos o nome de análise documentária e que poderemos definir como o conjunto de procedimentos efetuados com a finalidade de expressar o conteúdo de documentos sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação.

Tomando como base a definição de análise documentária, temos então dois momentos a serem considerados: o momento da análise do documento e extração de conteúdos (que formarão o vocabulário de base); e o momento de seleção e estruturação desse vocabulário de forma a revelar os conteúdos mais significativos.

Estes dois momentos, fundamentais para a construção de índices, sofrem normalmente nos Arquivos Históricos uma condensação ao reduzir-se o índice ao levantamento do vocabulário de base sem se ter em consideração quer o conjunto dos documentos de uma mesma série, quer o fundo ou fundos como um todo e estes dentro de um conjunto mais amplo, isto é, o próprio acervo do Arquivo.

Posto isto, consideramos que existem dois problemas fundamentais centrados, respectivamente, no momento da análise do documento e extração de conteúdos e no momento de seleção e estruturação do vocabulário.

O primeiro problema consiste na não utilização de um método padronizado de leitura de documentos, que faz com que o fator subjetivo interfira em função dos interesses, cultura e conhecimentos gerais do arquivista que lê o documento com o fim de transmitir a informação. Isto é, o que para mim é "informação significativa" pode não o ser para outra pessoa e fatalmente depende

dos nossos interesses e cultura.

Como forma de minimizar esta questão, talvez seja interessante desenvolver-se em cada instituição um trabalho de equipe de "normalização da leitura" com base em alguns itens de análise, como:

- . identificação da função/objeto do documento;
- . identificação nos documentos dos agentes, ativos, receptivos, etc.;
- . identificação nos documentos das informações novas apresentadas;
- . identificação dos argumentos apresentados;
- . identificação das interpretações feitas em cima dessas informações novas e argumentos;
- . identificação de como são comprovadas as informações novas, argumentos e interpretações.

Todo este trabalho de "normalização da leitura" nada tem a ver com as questões de diplomática ou paleografia, mas sim com a tentativa de entender e identificar o fluxo lógico do discurso/documento, permitindo aos arquivistas uma análise padronizada/"universal" do documento e, por conseguinte, viabilizar a extração de conteúdos comuns. Explicando melhor: na medida em que se padroniza a leitura e se eliminam alguns fatores subjetivos, crescem as chances de se manterem os mesmos critérios na relevância de conteúdos dos documentos em formação do vocabulário.

Levantado esse problema relativo ao primeiro momento da análise documental, passamos a enfocar um outro problema correspondente ao momento de seleção e estruturação do vocabulário.

Na verdade esse problema pode-se resumir à inexistência de uma política de indexação nos Arquivos Históricos, o que implica a multiplicidade de critérios utilizados na elaboração de índices e conseqüentes erros na disseminação da informação.

Dado isto, propõe-se a adoção de uma política de indexação que contemple tanto o planejamento, como a execução.

No planejamento incluímos a necessidade de se identificar a instituição, isto é, qual o modelo de arquivo em que se trabalha; suas seções e organograma geral; a caracterização de seus fundos; a identificação do usuário/pesquisador; seus interesses e núcleos de interesses; grau de especificidade das pesquisas realizadas; tipos de perguntas; formas de consulta adotadas e produtos mais solicitados; e, finalmente, quais os recursos disponíveis, tanto materiais, como humanos, bem como dotações orçamentárias.

À fase de execução, que pressupõe tudo o que foi anteriormente anunciado, compete estabelecer as metas a atingir com a disseminação da informação, definindo quer o grau de exaustividade e especificidade que se pretende com a recuperação dos conteúdos, quer os produtos a serem disseminados (catálogos, inventários, etc.) e a estrutura a ser utilizada nos respectivos índices.

A clareza ou não clareza destas duas fases, de planejamento e execução, determinará o maior grau de pertinência e acerto na construção de índices e na subsequente disseminação da informação.

No entanto, algumas recomendações básicas se deve ter em consideração na estruturação de índices em Arquivos Históricos:

1. Construção de três tipos de índices: o geográfico, o onomástico e o de assuntos. Ex:

<u>geográfico</u>	<u>onomástico</u>	<u>de assuntos</u>
Cuiabá	Marquês do Lavradio	Fazenda Real
Rio Paraná	Morgado de Mateus	Ouro
São Paulo	Rolim de Moura, A.	Provedoria

2. Definição do tipo de índice a ser construído: simples ou estruturado.

2.1. A opção por índices simples obriga à entrada direta e ao uso de conceitos específicos dos documentos. Ex:

Centro de Documentação  
Libras de ouro  
Quintos de ouro

2.2. A opção por índices estruturados exige um trabalho preliminar de definição dos assuntos aglutinadores da informação e respectiva categorização em termos globais (TG), termos específicos (TE) e termos associados (TA). Ex:

MINERAÇÃO (TG)  
Minas (TE)  
Ouro (TE)  
Escravos (TA)

3. Utilização de termos que representem conteúdos e não formas. Ex: No Alvará da Rainha D. Maria I, de 1785, o que interessa que figure no índice é o conteúdo do Alvará e não a forma "Alvará".

4. Controle dos termos/assuntos a serem introduzidos no índice, tendo em consideração que todos são possíveis de nele figurar, porque constituem o vocabulário de base, mas apenas alguns representam "informação nova" e relevante. Ex: No Alvará da Rainha D. Maria I, de 1785, sobre a proibição das manufaturas no Brasil, os conteúdos significativos seriam: Mercantilismo, Monopólio colonial, Manufaturas e Indústria, independentemente de existirem outros conteúdos no documento, como agricultura, povoamento, mineração, etc.

4. Normalização dos termos representativos dos conteúdos com base em princípios como:

uso do substantivo ou forma substantivada. Ex:

Recuperação (e não recuperar)

uso de adjetivos como conceitos aglutinadores. Ex:

Automação de Arquivos

Planejamento arquivístico

- . exclusão de preposições. Ex: Arquivos Municipais (e não Arquivos do Município)
- . uso do singular, exceto em caso de confusão entre processo e produto.

Ex:

- Fotografia (processo)
- Fotografias (produto)
- Disquete (processo)
- Disquetes (produto)

- . uso de qualificadores, quando no mesmo índice aparecem termos homógrafos ou polissêmicos. Ex:

<u>termo homógrafo</u>	<u>termo polissêmico</u>
Mercúrio (metal)	Quintos (Quintos Ouro
Mercúrio (planeta)	Quintos, imposto

Concluindo e resumindo, propõe-se que se acrescente à necessidade de uma metodologia de base - centrada em procedimentos teórico-pragmáticos já desenvolvidos por ciências como a Lingüística, a Lógica e a Ciência da Informação e adaptáveis à Arquivística no que concerne à construção de índices - uma prática de trabalho em equipe transdisciplinar.

Na verdade, só um trabalho desta natureza e qualidade permitirá solucionar as questões relativas à construção, estruturação e disseminação da informação em Arquivos Históricos, permitindo "sonhar" com uma futura automação em nível nacional.

**NOTA**

\* Professora do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da USP.